



**ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO (EAD)
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO EXPERIMENTAL / RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**O LADO INTERIOR DO VENTO É NOSSA VOZ: SEIS DIÁLOGOS
SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MIGRAÇÃO NAS AMÉRICAS**

Fabián Mendoza Quesada

**Uruguaiana
2023**

FABIÁN MENDOZA QUESADA

**O LADO INTERIOR DO VENTO É NOSSA VOZ: SEIS DIÁLOGOS
SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MIGRAÇÃO NAS AMÉRICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em Mídia
e Educação pela Universidade Federal do
Pampa/Universidade Aberta do Brasil.

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Ruschel
Duval

**Uruguaiiana
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do
Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos
Institucionais) .

M5391 Mendoza Quesada, Fabian
O lado interior do vento é nossa voz: seis diálogos sobre a
experiência da migração nas américas / Fabian Mendoza Quesada.
27 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização)--
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E
EDUCAÇÃO, 2023.

"Orientação: Adriana Ruschel Duval".

1. Migrantes. 2. Refugiados. 3. Narrativa de vida. I.
Título.

FABIAN MENDOZA QUESADA

**O LADO INTERNO DO VENTO É NOSSA VOZ - SEIS DIÁLOGOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA
MIGRAÇÃO NAS AMÉRICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 24 de março de 2023.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Adriana Ruschel Duval
Orientadora
(Unipampa/UAB)

Prof. Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin
(Unipampa/UAB)

Prof.^a Ma. Cristiane Araújo Rapeti



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/03/2023, às 19:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Cristiane Araújo Rapeti, Usuário Externo**, em 24/03/2023, às 19:57, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRO LUIZ DOS SANTOS BACIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/03/2023, às 20:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1080374** e o código CRC **2087E203**.

RESUMO

Este projeto experimental consistiu na criação de um *e-book* com seis entrevistas realizadas com migrantes e refugiados localizados em diferentes partes do continente. Buscando-se constituir um material focado em narrativa de vidas, aplicou-se uma abordagem humanizadora para suscitar uma real dialogia e promover um aprofundamento nos relatos, pautado pela articulação entre cronologia, aspectos históricos, sociais e culturais, bem como detalhes da experiência pessoal. O objetivo foi contribuir para a visibilização de suas realidades, no entendimento de que, revelando os percursos de alguns, de certa forma se estará representando o coletivo de indivíduos que passam por essas mesmas escolhas. Dessa forma, se pretendeu, igualmente, convidar à reflexão sobre aspectos verificados na experiência do processo migratório, como xenofobia, exclusão social, discriminações de várias ordens e até mesmo violência. O trabalho envolveu pesquisa bibliográfica e uma prospecção de campo de natureza presencial e virtual, com o contato com profissionais e instituições encarregadas de apoiar esse tipo de população, bem como com entrevistas empreendidas junto aos personagens. Conclui-se que o projeto foi bem-sucedido, pois atingiu o propósito de desenvolver e oferecer ao público um diálogo franco e profundo com esses sujeitos, obtendo dessa instância um discurso que revela a universalidade do fenômeno da migração e suas raízes. Dessa forma, a obra conduz o leitor a compreender, a partir de vivências individuais diversas e impactantes, o fenômeno dos fluxos migratórios permanentes que reconfiguram os conjuntos sociais.

Palavras-chave: Migrantes; refugiados; narrativa de vida.

ABSTRACT

This experimental project consisted of creating an e-book with six interviews with migrants and refugees located in different parts of the continent. Seeking to constitute a material focused on the narrative of lives, a humanizing approach was applied to elicit a real dialogue and promote a deepening in their stories, guided by the articulation between chronology, historical, social and cultural aspects, as well as details of personal experience. The objective was to contribute to the visibility of their realities, in the understanding that, revealing the paths of some of them, perhaps it will be representing the collective of individuals who go through these same choices. In this way, it was also intended to invite reflection on aspects verified in the experience of the migratory process, such as xenophobia, social exclusion, discrimination of various kinds and even violence. The work involved bibliographical research and a face-to-face and virtual field survey, with contact with professionals and institutions in charge of supporting this type of population, as well as interviews with the protagonists of the book. It is concluded that the project was successful, as it achieved the purpose of developing and offering the public a frank and profound dialogue with these subjects, obtaining from this instance a discourse that reveals the universality of the phenomenon of migration and its roots. In this way, the work leads the reader to understand, based on diverse and impactful individual experiences, the phenomenon of permanent migratory waves that reconfigure social groups.

Keywords: Migrants; refugees; life narrative.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. O RELATO DA EXPERIÊNCIA	11
2.1 JUSTIFICATIVA	11
2.2 OBJETIVOS.....	12
2.3 PÚBLICO-ALVO	13
2.4 SUBSÍDIOS TEÓRICOS	14
2.4.1 MIGRANTES OU IMIGRANTES?.....	14
2.4.2 ENTREVISTA E NARRATIVA DE VIDA.....	17
2.4.3 RETEXTUALIZAÇÃO E TRADUÇÃO.....	20
2.5 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	21
3. RESULTADOS E CONCLUSÕES	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Este projeto experimental de Trabalho de Conclusão de Curso se propõe apresentar uma radiografia da experiência migratória na voz de seis protagonistas. Cada entrevista revela o profundo impacto desse fenômeno em suas respectivas trajetórias de vida – e, portanto, em suas identidades, consciências, sentires, linguagens, ações e perspectivas.

A escolha do formato *e-book* veio ao encontro do propósito didático do projeto e sua relação com o âmbito educacional. O âmago dele é a palavra, primeiro falada, ouvida, conversada, refletida nas entrevistas realizadas na língua nativa dos entrevistados; e, depois, a palavra traduzida e escrita, com a finalidade de ser amplamente lida, interpretada, analisada e sentida por leitores nativos ou adotantes da língua portuguesa.

Complementando esse conteúdo essencial, o livro apresenta elementos paratextuais, como fotografias, mapas, links e músicas que ampliam e aprofundam os contextos que rodeiam os acontecimentos narrados. O formato *e-book* também possibilita uma distribuição fácil e gratuita da produção.

O desenvolvimento deste projeto ocorreu entre os meses de junho de 2022 e março de 2023. Iniciou com a identificação dos principais centros de atenção e acolhida da população migrante em Porto Alegre; continuou com a procura por dados estatísticos para se compreender o perfil das pessoas que compõem este coletivo nos últimos anos, particularmente no Rio Grande do Sul; e prosseguiu com a visita aos centros de apoio aos migrantes em Porto Alegre (Centro Ítalo-Brasileiro – CIBAI –, Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados – SJMR – e Centro de Referência ao Imigrante da Prefeitura de Porto Alegre – CRIm –, com uma dupla finalidade: de um lado, conhecer melhor a natureza de seu trabalho; e, de outro, começar a estabelecer contato com os possíveis protagonistas dessas histórias. Na sequência, o trabalho culminou na realização de entrevistas com migrantes e refugiados, via Google Meet, e na confecção, em si, do livro em formato *e-book*.

De imediato, considero importante revelar que também sou migrante. Uma identidade que, particularmente, me aproximou e me motivou a encarar o desafio deste trabalho com esperança, sensibilidade e empatia. Por motivos pessoais e familiares,

recentemente tive de sair do Brasil e me dirigir à Colômbia, meu país natal. Assim, o trabalho de elaboração do roteiro de entrevista e o diálogo com cada um dos protagonistas que concordou em dar seu testemunho foi realizado em Bogotá. De igual forma, nesse lugar empreendi outras etapas da pesquisa, incluindo leituras, a tradução das entrevistas e a própria elaboração do presente relato.

As entrevistas foram feitas em ambiente virtual, por meio da plataforma de vídeo- conferência Google Meet. Dessa forma, foram abordados: uma pessoa em Chicago, Illinois, nos Estados Unidos; outra em Palomino, Guajira, na Colômbia; e algumas no Brasil: no Rio de Janeiro/RJ; em Canoas/RS; em Eldorado do Sul/RS e em Salvador, BA.

A escolha da data e da hora do encontro virtual foi feita pelos entrevistados. Foram encontros de cerca de uma hora e a conversa, como já mencionado, foi feita na língua nativa deles, de modo a permitir conectar, fluentemente, memórias e discursividades. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, levadas da oralidade à escrita, bem como de sua língua original para o português. Por último, foram inseridas no projeto gráfico, na instância da diagramação do livro, utilizando-se a plataforma Canva. No presente documento estarei compartilhando mais detalhes desse percurso.

2 O RELATO DA EXPERIÊNCIA

2.1 Justificativa

Eu era um homem branco, heterossexual, sem qualquer tipo de deficiência física e em idade produtiva. E ainda sou. Mas eu era essa pessoa sem nenhum fator de diferença que causasse algum tipo de inquietação, incômodo ou mal-estar importante junto à sociedade em razão de alguma marca identitária. Eu era alguém “normal”, “comum”, e, nessa medida, confortavelmente invisível. Foi assim até eu deixar o meu país.

Lentamente comecei a descobrir que, aqui no Brasil, as pessoas me percebiam como alguém diferente – o outro. No meu caso, fundamentalmente pela questão do idioma. Às vezes, meu cérebro não achava a palavra certa, e aí, no meio da conversa, meu interlocutor gentilmente completava minha frase. Nem sempre isso coincidia com a direção para onde havia ido, inicialmente, meu raciocínio. Mas, pelo menos, isso impedia que a palavra se apagasse como uma vela na bruma da minha memória.

São circunstâncias menores e até engraçadas por que passa todo estrangeiro. Como quando você entra em alguma loja e começa a falar, e o vendedor fica com o rosto atravessado por um labirinto de confusão e rugas que significa “não estou entendendo o sotaque desse cara!”, seguido de um estrondoso e definitivo “Oi???”, bem antes de você terminar sua pergunta. Obrigado a repetir as frases para ser compreendido, passei a experienciar uma sensação de anormalidade, de rejeição, de não pertencimento. Claro que a cena descrita é um exagero, porém, é como ainda me sinto quando isso acontece em algum lugar público. É a consciência de que faço parte, naquelas circunstâncias, de uma minoria social.

A realidade é bem mais complexa quando você precisa saber ler os códigos de uma cultura alheia com a pretensão de se inserir nela como residente, trabalhador, cidadão e sujeito de direitos. Nesse sentido, ser estrangeiro, migrante ou refugiado é uma espécie de analfabetismo. É preciso entender a lógica do funcionamento do Estado e das instituições do lugar, compreender outra idiosincrasia na ética das relações e na cultura do trabalho, como também outra experiência do tempo, outros ritmos, outro calendário. É, de fato, tentar nascer para outra cidadania, processo que leva um tempo de adaptação, não isento de equívocos, obstáculos e resistências.

O complexo percurso de inserção numa nova sociedade – desse ser que é e, ao mesmo tempo, ainda não é, enquanto aguarda no limbo jurídico da papelada do Estado e amadurece no entendimento das indecifráveis contradições de uma nova cultura – é, com frequência, uma caminhada pelos terrenos da exclusão econômica e social, um perigoso ato de funambulismo sobre a corda bamba da marginalidade e da ilegalidade.

Trata-se, então, de outro tipo de invisibilidade, bem menos confortável. Elas e eles estão entre nós, mas, em geral, apesar de que podemos identificar por seu sotaque e aparência sua possível nacionalidade, desconhecemos a cultura de seus países e cidades de origem, e, portanto, a trama que tece sua identidade. Igualmente ignoramos os detalhes das causas de sua partida, contados por sua própria voz, quase sempre associados a uma problemática transversal que envolve continentes e países inteiros, como catástrofes de ordem natural ou ambiental, guerras e violência, crise econômica.

Não suspeitamos sequer as odisséias de muitas dessas viagens, nem as afetividades quebradas pela distância, nem a dureza dos trabalhos temporários que realizam, diariamente, ajudando a limpar as ruas, a construir os prédios onde moramos e trabalhamos, ou a preparar o jantar que comemos, entre um sem-número de atividades que desenvolvem, ombro a ombro, como colegas nossos, para continuar com a viagem ou talvez tentar se enraizar.

Este projeto se situa diante de uma sensível falta de representação dessas vidas invisibilizadas para além do âmbito institucional ou acadêmico, não para redundar numa heroicidade exemplar, mas para atentar ao fato de que não é possível originar um reequilíbrio – no interior da cultura e da sociedade onde nos desenvolvemos – sem dialogar, sem empreender a escuta, sem se reconhecer nas diferenças como integrantes de um conjunto – de acordo a caracterização feita por García Canclini (1998), cada vez mais híbrido, fluído, flexível, complexo e abrangente na maneira de construir as identidades. Esse o fundamento essencial do presente *e-book*.

2.2 Objetivos

A partir do que foi discorrido acima, reforça-se que este projeto visou destacar protagonistas em seus próprios processos migratórios, considerando-os como seres humanos de gênero, idade, raça, formação acadêmica e nacionalidade diversa, radicados em diferentes países, à procura por locais menos devastados pelos efeitos da crise

ambiental, econômica, política e social do mundo globalizado. Pretendeu-se dar visibilidade a essas experiências, com uma abordagem humanizadora, sensível e empática, tendo como suporte um *e-book*, na perspectiva de poder compartilhar suas histórias de vida e compreendê-las como parte integrante das comunidades receptoras, em processo de enraizamento ao lugar onde suas necessidades e metas possam ser atingidas.

Igualmente intencionou-se contribuir ao reconhecimento, reflexão e diálogo sobre a importância da integração simbólica ou efetiva de imigrantes, refugiados e estrangeiros nos locais de acolhida, promovendo uma sociedade inclusiva, democrática e crítica diante dos preconceitos, da xenofobia, do racismo, da marginalização e da violência.

2.3 Público-alvo

Dada a dimensão social e educativa deste projeto, e o formato escolhido para sua difusão, é possível estabelecer uma abrangência que envolva, em primeiro lugar, a própria comunidade de migrantes que residem em Porto Alegre e Região Metropolitana, cidade onde atualmente moro, trabalho, estudo, faz três anos. Nesse intuito, tanto as instituições, como o Centro Ítalo-Brasileiro, quanto as outras entidades de apoio e acolhida a esta população em Porto Alegre, tais como o Serviço Jesuíta a Migrantes e refugiados e o Centro de Referência ao Imigrante da Prefeitura de Porto Alegre, poderão contribuir ao compartilhamento do livro através de suas redes sociais.

Em segundo lugar, as novas gerações de porto-alegrenses, estudantes das escolas do município, poderão ter acesso e divulgar o *e-book*, na medida em que pretendemos oferecê-lo à rede de ensino como material de leitura voltado à reflexão sobre os direitos, a cidadania, a democracia, a diversidade e o fenômeno da migração no Rio Grande do Sul, no Brasil e no continente.

Sendo um conteúdo de interesse para todos os que sentem na pele ou acompanham, de alguma forma, a questão migratória, o que este livro traz pode atrair a atenção de pessoas que se encontram nos mais diversos lugares. Estrangeiros e nativos, jovens e anciãos. Quiçá essa obra possa transpor fronteiras geográficas e simbólicas e alcançar os mais diversos públicos.

2.4 Subsídios teóricos

2.4.1 Migrantes ou imigrantes?

A configuração do nosso mundo globalizado, articulado não somente por uma complexa e eficiente rede de meios de transporte aéreos, terrestres e marítimos, mas também pela vasta e massiva interconexão informática que guiou o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação nas últimas quatro décadas, já provocou uma revolução sem precedentes nas relações laborais e nas possibilidades de reprodução do capital e da riqueza. De forma similar, se veem afetadas a produção do conhecimento, as relações humanas, nossa autopercepção como indivíduos e a construção da identidade – bem como, de maneira crucial para esta abordagem, nossa perspectiva, compreensão e experiência da migração.

Nesse sentido, Oliveira (2017) ressalta três características que nos levam a compreender esse fenômeno na atualidade. Em primeiro lugar, a pesquisadora comenta que as disparidades econômicas do mundo globalizado e o aprofundamento das desigualdades geram fluxos migratórios permanentes, incluindo rotas internacionais de tráfico de pessoas que atravessam continentes inteiros, conseguindo transpor a securitização dos estados e das fronteiras.

Um bom exemplo disso é a rota que parte da Colômbia para os Estados Unidos, um percurso que necessariamente deve atravessar a espessa selva do Darien, na fronteira entre a Colômbia e Panamá. De acordo com os dados do governo panamenho (SWISSINFO.CH, 2023), quase 250 mil pessoas atravessaram essa fronteira em 2022, sendo que três, de cada cinco delas, são venezuelanas. A porção restante de migrantes estava composta principalmente por equatorianos, haitianos, cubanos, colombianos, chineses e pessoas da África subsaariana.

Muitas são famílias que vão viajando unidas. Porém, um grande número desses migrantes corresponde a jovens e crianças esperançosos por se reunirem com seus pais nos Estados Unidos. Estes, não podendo sair do país do Norte por sua situação migratória ilegal, contratam um *coiote* ou *chilinguero*, pessoa especializada em guiar os migrantes pelos passos mais perigosos em troca de grandes quantidades de dinheiro. Logicamente *coiotes* e *chilingueros* fazem parte de redes organizadas dedicadas à prostituição e ao tráfico de pessoas, armas e drogas.

Esse tipo de migração cria uma enorme população flutuante entre os locais de partida e os locais de destino. Especificamente no caso anteriormente descrito, uma considerável porção desses migrantes e suas famílias acabam espalhadas pelos países da América Central, muitas vezes trabalhando informal e temporariamente para financiarem a continuidade da viagem. De fato, vimos repetido esse padrão em quatro dos testemunhos coletados e apresentados em nosso livro.

Cogo, Gutiérrez e Huertas (2008), na análise das 140 entrevistas realizadas com migrantes de Porto Alegre/RS, no Brasil, e Barcelona, na Espanha, para seu estudo sobre a relação entre migrações e mídias, afirmam que

Normalmente el recorrido migratorio va mucho más allá de un único trayecto entre dos países y se convierte más bien en un periodo de tránsito más o menos largo, según la persona, por diferentes lugares. Esta fue una de las primeras conclusiones de nuestro trabajo. Un hecho que convertía en inútil trabajar solo con los conceptos de “país de origen” y “país de destino”, ya que, por ejemplo, no siempre el país de origen era el natal y la persona podía haber vivido en más de un lugar de manera provisional o transitoria (COGO, GUTIERREZ E HUERTAS, 2008, p. 23).

Esses enormes percursos migratórios acontecem em várias partes do mundo, tornando-se uma excelente oportunidade de negócio para as economias ilícitas. Nesse sentido, a migração, bem mais do que antes, pode ser considerada um fenômeno transnacional, uma viagem em várias etapas e múltiplas estações por diversos países, na qual a experiência positiva ou negativa entre a partida e a chegada pode ser definitiva para o resto da vida – para determinar se se vai voltar, ficar ou continuar.

A segunda característica mencionada por Oliveira (2017), e que reafirma a transnacionalização do fenômeno, está relacionada com a maneira como os meios de transporte possibilitam, “cada vez mais, uma certa democratização dos deslocamentos – por mais que os custos de viagens ainda sejam altos, especialmente para grupos com pouco poder aquisitivo, não é possível negar que eles nunca foram tão acessíveis como agora” (OLIVEIRA, 2017, p. 104).

Isso se constitui em uma prática atual envolvendo muitas pessoas. Só é possível, obviamente, com uma situação migratória legal, ou seja, se estando na posse da dupla nacionalidade ou do status de residência permanente num país estrangeiro. Assim, entrar e sair de um território nacional, atravessar suas fronteiras e permanecer legalmente nele por temporadas para visitar a família, estudar ou trabalhar, são

facilidades que reconfiguram nossa percepção da migração, e, nessa medida, “a possibilidade de literalmente habitar dois ou mais lugares não é fictícia” (OLIVEIRA, 2017, p.104).

Uma característica final descrita pela mesma pesquisadora para compreender a transnacionalização do fenômeno migratório hoje, está determinada pelo uso frequente e cotidiano das novas TICs. Por meio delas podemos manter contato audiovisual permanente com nossas famílias nos locais de origem, ainda que de maneira virtual e com as inconveniências da diferença no fuso horário. Contudo, essas ferramentas “podem nos proporcionar a sensação de estar entre dois ou mais lugares diferentes ao mesmo tempo, lá e aqui” (IBIDEM), podendo não somente conversar, mas enviar e receber dinheiro, fazer trabalhos colaborativos ou cuidar mais de “perto” de nossos laços afetivos, de forma remota e em tempo real.

Esse conjunto de fatores distingue o fenômeno atual dos grandes fluxos migratórios do passado. As viagens intercontinentais das comunidades de italianos, alemães, irlandeses, poloneses, japoneses, entre outros, que aportaram nas Américas entre 1850 e 1920, significavam uma ruptura quase definitiva com o local de origem. Tratava-se, como comenta Oliveira (2017, p.104) de uma “decisão permanente de vida”, sem perspectiva de retorno.

Dáí que identificamos os protagonistas do livro como migrantes, ao invés de imigrantes, pois, de acordo com o manifestado no nosso diálogo e as respectivas trajetórias de vida descritas por eles, a vontade e a necessidade de retornarem aparecem em seu horizonte, da mesma forma que a possibilidade, por múltiplas razões – laborais, acadêmicas, familiares etc – de efetuarem novos deslocamentos nacionais ou internacionais.

Como afirmam Cogo, Gutierrez e Huertas (2008, p. 24), “la expresión inmigración apela a un movimiento en una única dirección cuya finalidad es la de establecerse en otro lugar por largo tiempo, situación poco habitual en la actualidad”. Não estamos tratando, portanto, de formas definitivas e exclusivas de viver, ocupar, habitar ou reabitar – simbólica e materialmente – determinados espaços, mas contrário: de períodos, às vezes breves, às vezes prolongados, de uma viagem que continua em andamento na procura de se conciliar a identidade do passado com a do futuro, em um projeto de vida pessoal e coletivo que não pretende se desvincular dos territórios de partida, de trânsito e de destino (OLIVEIRA, 2017, p. 108). Processos do tipo reconhecem o valor das novas tecnologias da informação e da comunicação.

2.4.2 Entrevista e narrativa de vida

Este livro é o produto de uma série de entrevistas realizadas através da plataforma Google Meet. Esse meio oferece várias vantagens para a interação entre os interlocutores. Como bem sabemos, deixou de ser um elemento estranho ao cotidiano das relações pessoais, acadêmicas e laborais de todos, sobretudo depois da pandemia da Covid-19 – quando seu uso foi propulsionado, pela necessidade de se buscar alternativas diante do isolamento físico social.

O encontro pela plataforma Google Meet de fato contribuiu, como comentam as pesquisadoras Freitas Ribeiro e Farias Vasconcelos (2020, p. 211), à reprodução durante a entrevista “da cotidianidade, dos encontros rotineiros e das conversas despreziosas”. A plataforma favoreceu a reconstrução dos acontecimentos por meio de um encontro cordial, durante um período do dia a dia dos entrevistados – que, na comodidade de suas casas, em diferentes cidades e fora de seu horário laboral – concordaram em conversar, inclusive bebendo uma xícara de café.

A proposta feita às pessoas que aceitaram oferecer seu testemunho era, pois, conversar sobre sua experiência migratória ao longo de uma entrevista estruturada cronologicamente – isto é, do passado distante ao presente, para nos aproximarmos de maneira lógica à atualidade desse processo e a seus vislumbres para o futuro. Essa técnica se afilia à descrição do tipo de entrevista diálogo feita por Morin (1993) e que Cerqueira Neto e Pereira dos Santos (2017) resumem da seguinte maneira:

Uma entrevista é bem sucedida quando, extrapolando a técnica fria e distante do jornalismo puramente profissional, transforma-se em um diálogo. Esse diálogo não é sinônimo de conversação frívola, mas instrumento no qual entrevistador e entrevistado buscam a verdade sobre a vida do entrevistado ou sobre um assunto em discussão (CERQUEIRA NETO E DOS SANTOS, 2017, p. 254).

Um dos propósitos fundamentais do livro foi a visibilização da humanidade dos migrantes, para demonstrar sua semelhança com qualquer pessoa em situações como as vividas por eles – e desse jeito, compreender e salientar os detalhes extraordinários de sua experiência. Nesse sentido, cada entrevista se fez com a intenção de aprofundar nas memórias que revelassem mais intimamente, na afluência das palavras, essas identidades inicialmente desconhecidas, sua relação com o passado, as origens

familiares, os vínculos com a terra ou país natal, até conseguir chegar a uma narrativa que desse conta de uma vida, de um ser através do tempo.

Nessa lógica, Cerqueira Neto e Pereira dos Santos (2017), acompanhando o entendimento de Morin (1993), descrevem as entrevistas de perfil humanizado como um subgênero das entrevistas de tipo compreensão-aprofundamento:

A entrevista com a função de traçar um perfil humanizado não busca espetacularizar o ser humano, por meio de descrição de características grotescas do entrevistado ou explorá-lo sensacionalisticamente. Na verdade, faz um mergulho no interior da pessoa, procurando compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórias de vida (CERQUEIRA NETO E DOS SANTOS, 2017, p. 255).

Um aspecto técnico importante para conseguir a fluência e a riqueza do diálogo foi o estabelecimento inicial de uma identificação entre entrevistador e entrevistado. Algumas características eram transversais às duas partes. Por exemplo, os dois interlocutores são residentes em um país diferente ao de nascimento, e, da mesma maneira, todos são nativos do mesmo idioma. Existe, portanto, uma conexão de proximidade emocional por compartilharem, como diria Ricoeur (1997, p.112), “testemunhos existenciários” comuns profundamente significativos para suas vidas.

Assim, de acordo com Cerqueira Neto e Pereira dos Santos (2017), se produz um “reconhecimento mútuo que consiste na observação mútua na busca recíproca da confiança”. Ao que mais adiante acrescentam:

Se o jornalista apresentar um comportamento democrático em relação à sua fonte, evitará da mesma forma atitudes monolíticas, autoritárias e agressivas ou a construção de barreiras psicossociais, durante a entrevista, pelo entrevistado (CERQUEIRA NETO E DOS SANTOS, 2017, p. 260).

Isso, sem dúvida, facilitou uma relação dialética ao longo das entrevistas, o que possibilitou a construção da narrativa de vida, entendida como um ato da linguagem no qual nasce um narrador que organiza um espaço existencial de maneira autorreferencial (DELOREY-MONBERGER, 2014, p. 288 APUD RIBEIRO E VASCONCELOS, 2020, p. 218). No entanto, tal construção se realiza de maneira conjunta, pois surge da interação pessoal de dois indivíduos que combinam uma relação horizontal para o diálogo e a revisita de um conjunto de experiências; se pactuam os temas, os episódios, os silêncios; se troca, cuidadosamente, a palavra pela escuta.

Por meio dessa construção narrativa, fui conhecendo o caráter do entrevistado, suas motivações e conflitos, seus sonhos, desejos e perspectivas. Em vários casos, a necessidade de narrar, de reconstruir os acontecimentos, depositando-os na atenta escuta do outro, tornava desnecessárias as perguntas, pois esse discurso era suficientemente revelador, não somente dos fatos, mas da subjetividade e da humanidade do entrevistado. Parecia se tratar, de acordo com o entendimento bakhtiniano, da necessidade do ser humano de “autoexpressar-se e objetivar-se” (BAKHTIN, 2016, p. 23) para revelar seu mundo interior, sua consciência.

Nesse sentido, Freitas Ribeiro e Farias Vasconcelos (2020, p. 214) apontam que “existe um espaço entre o que se viveu e o que se conta sobre o que se viveu. Só com a verbalização de quem viveu sobre o que viveu caracterizamos a narrativa dessa vida”. Daí que faz sentido a ressalva feita por Bertaux (2010) quando observa,

Entre a memorização das situações, acontecimentos e ações e sua evocação ulterior se interpõe a mediação das significações que o sujeito lhes atribui retrospectivamente, através da totalização mais ou menos reflexiva que fez de suas experiências (totalização que não pode deixar de levar em conta as percepções e avaliações destes mesmos acontecimentos ou atos por seus próximos). Entre os que ele viveu e totalizou e o que consente dizer hoje se interpõem, ainda, outras mediações (BERTAUX, 2010, p. 51 APUD RIBEIRO E VASCONCELOS, 2020, p. 214).

Igualmente reveladora é a maneira única de cada pessoa de representar o passado, de organizar, no discurso, a temporalidade dos fatos e as impressões derivadas deles – indo do presente de quem reflete ao passado que motiva a reflexão. Nesse exercício de reconstrução narrativa fica explícita a polifonia (BAKHTIN, 2011) das vozes do passado que se juntam com as do presente numa voz desdobrada em muitas, os pensamentos e ações que representam as diferentes versões de um mesmo ser no passado, as opiniões das pessoas do entorno ontem e hoje, entre outros aspectos.

É interessante observar como as narrativas de vida evidenciam processos de reparação ou restauração do mundo interior das pessoas. As situações dolorosas ou traumáticas são revisitadas pela memória e se descobrem nomináveis, se veem transformadas a partir da nova perspectiva que oferece o tempo. Como representação, são cicatrizes que ressignificam o passado e que se expressam reconciliadas narrativamente com o presente, num ato, seguindo Pineau e Le Grand (2012, p. 112), de “sincronização de vários tempos”. Essa reflexão e reorganização dos eventos do passado numa narrativa que os sincroniza é o que permite extrair ensinamentos e

reconfigurações do futuro a partir de uma perspectiva que engloba, que totaliza, o que antes parecia disperso e apenas latente na memória.

2.4.3 Retextualização e tradução

Existem duas instâncias de mediação na transferência dos testemunhos para o texto escrito. A primeira, logicamente, é a transcrição do registro oral para um registro escrito; e a segunda, a tradução das línguas originais dos falantes, neste caso espanhol e inglês, para o português do público-alvo do livro que fizemos. Em ambos os processos é inevitável introduzir mudanças na interação original entre as partes do diálogo.

Assim, o âmbito da recepção se torna determinante na hora da produção final do texto. A respeito disso, Cerqueira Neto e Pereira dos Santos (2017, p. 264) esclarecem: “a influência da instância de recepção na realização de uma entrevista é tão marcante que se transforma no principal objetivo a ser alcançado pela instância de produção”.

Com efeito, no horizonte da retextualização das entrevistas apareciam os primeiros receptores do livro, isto é, migrantes estrangeiros no Brasil. Como público-alvo primordial, possuem características excepcionais: muitos deles ainda não têm um domínio pleno da língua portuguesa; inclusive, graças à tecnologia, são majoritariamente consumidores de mídias no seu próprio idioma, conseguindo acompanhar a atualidade política e social de seu país e, dessa forma, exercer um tipo de cidadania subjetiva, comunicativa (MATA, 2016), que renova o vínculo com a cultura de origem. Assim, dentro de casa, para o consumo da informação e para o entretenimento pessoal ou familiar, a língua predominante dos migrantes é a natal. Houve igual preocupação por outro segmento considerado como público-alvo, que seriam os nativos da língua portuguesa, especialmente jovens em idade escolar.

Portanto, era necessário dar um tratamento especial ao código linguístico empregado para transmitir e reproduzir confiança na interação original durante cada conversa. Foi, sinceramente, um grande desafio, pois, no fundo, tratava-se de limar várias diferenças objetivas – como o idioma, a cultura e algumas experiências de vida –, para as quais se solicitava ao entrevistado aprofundar-se nesse conhecimento, visando a compreensão dos leitores. O objetivo era produzir uma leitura que atendesse harmonicamente à essência geral do livro e aos valores que ele se propõe a defender, ou seja, a inclusão, a empatia, a solidariedade, o pertencimento.

Nesse intuito se optou por uma linguagem coloquial, afastada, tanto quanto possível, do academicismo, de forma que as narrativas fossem rerepresentadas sem trair

nem a profundidade e a veracidade dos testemunhos, nem a naturalidade da língua portuguesa do Brasil.

2.5 Caminhos metodológicos

O desenvolvimento e a concretização deste projeto tiveram início, como mencionado, com a identificação e a caracterização dos principais centros de atenção e acolhida à população migrante em Porto Alegre. A pesquisa identificou três principais instituições deste tipo na cidade, já citadas no presente relato. O propósito do contato com esses centros de apoio era conhecer seu funcionamento e estudar a possibilidade de, por meio deles, entrar em contato com migrantes e refugiados que concordassem em participar no projeto. Esse processo se prolongou até o mês de outubro de 2022.

Enquanto se estabeleciam os contatos com cada uma dessas instituições, a pesquisa focou na procura por dados estatísticos para compreender os perfis das pessoas que compõem este coletivo no Rio Grande do Sul, nos últimos anos. É importante esclarecer que, até aquele momento, setembro/outubro de 2022, pensava-se que o projeto focaria exclusivamente em Porto Alegre e Região Metropolitana. De acordo com dados levantados pelo Departamento de Economia e Estatística da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2021), que reúne informações coletadas pelo Sistema de Registro Nacional Migratório da Polícia Federal (Sismigra), da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e do Cadastro Único (CadÚnico), uma alta porcentagem dos migrantes na região do Rio Grande do Sul, nos últimos dez anos, provêm do Haiti, da Venezuela, do Senegal e do Uruguai. Em menor medida existe uma população proveniente da Argentina, do Peru, da Bolívia e de Colômbia. Os números variam para cada uma das três fontes verificadas, mas, em termos gerais, essas são as principais nacionalidades dos núcleos de migrantes hoje do Rio Grande do Sul.

Isso estabelece uma clara diferença com a migração histórica que cimentou as bases da atual população gaúcha. Como Oliveira afirma (2017),

Há claramente um perfil muito diferenciado de entrada de população estrangeira no país, desde a consolidação dos ideais eugênicos que o Brasil partilhou lado a lado com o restante do mundo no século XIX, e que foi freado somente com o Holocausto da Segunda Guerra Mundial. A imigração estrangeira que recebemos atualmente não reflete esses ideais imigrantistas, e esse fato traz implicações nada desprezíveis na aceitação dessas diferenças. Não é mais o “processo civilizador” que vem compor a

nação, mas o que chamamos de fluxos sul-sul. E parte da população brasileira não tem recebido com bons olhos essas novas entradas (OLIVEIRA, 2017).

A pesquisa prosseguiu com a visita aos centros de apoio aos migrantes em Porto Alegre. A entrada neles não foi simples. Solicitações, protocolos, e-mails. No caso do Centro de Referência ao Imigrante da Prefeitura de Porto Alegre (CRIm), estava ocorrendo, por aquelas semanas, uma mudança de endereço da sede – da rua dos Andradas para sua localização atual. No caso do Serviço Jesuíta a Migrantes e refugiados (SJMR), depois de visitar sua sede, falar sobre o projeto e solicitar a aprovação da coordenação geral para entrar em contato com alguns dos usuários de seus serviços, a resposta recebida foi negativa quanto ao acesso a espaços de encontro dessas pessoas – apenas afirmaram que estariam dispostos a explicar como era seu funcionamento institucional. Por fim, somente foi possível obter o apoio dos funcionários do CIBAI, que, de fato, se mostraram abertos e dispostos a contribuir com o projeto.

As visitas permitiram dimensionar a origem, a natureza e a complexidade do trabalho dessas instituições e, ao mesmo tempo, constatar a realidade das múltiplas problemáticas em torno desta população em Porto Alegre e na região metropolitana. Foi possível observar, nessas visitas ao SMRJ e ao CIBAI, famílias inteiras com carências de moradia, alimentação e emprego. A presença de muitas crianças e de pessoas da terceira idade também era bem evidente.

Esses centros de apoio aos migrantes e refugiados oferecem assistência jurídica, apoio para a inserção no mercado de trabalho, cursos de formação técnica, aulas de português, além de tentarem sanar algumas necessidades básicas imediatas. A intenção do nosso projeto era participar de alguns daqueles espaços de formação técnica ou de ensino da língua portuguesa, para ter um contato direto com nosso objetivo.

Aguardávamos uma resposta para visitar um projeto chamado “Português da Lomba”, aulas gratuitas de português na Lomba do Pinheiro, bairro de Porto Alegre onde existe uma alta concentração da população haitiana. Enquanto se formalizava a oportunidade de adentrar nesse espaço, fomos à rua, à procura de testemunhos, pois entendíamos que uma porção representativa da imigração senegalesa trabalhava no comércio de rua do centro da cidade. Essas tentativas não deram certo, devido à falta de condições para iniciar uma verdadeira conversa com alguém que está no meio da atividade e com o barulho da rua, dos clientes, de tudo em volta. Confesso que encontrei

dificuldades para explicar qual era o nosso projeto, quais os objetivos, qual o nosso interesse. Na realidade, não foi possível “quebrar o gelo”. Sem calma, a comunicação numa língua comum, o português – afinal, estranha tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador –, não estava permitindo encontrar o tom de uma entrevista tranquila, horizontal, fluente. Começava a me inclinar pelo uso de um meio virtual.

Como já comentei na introdução e na justificativa, sou migrante também, conheço a experiência da distância do núcleo familiar já que, de fato, no tempo de pandemia ficamos separados e já fazia quase quatro anos que eu não via a minha família. Portanto, saí do Brasil para viajar à Colômbia no final do mês de outubro de 2022, sem ter conseguido uma entrevista que satisfizesse os pressupostos que delineiam as narrativas de vida. Assim, continuei, de forma remota com o projeto, permanecendo na Colômbia, em Bogotá, por três meses.

Fiz o trabalho de elaboração do roteiro de entrevista. Tinha uma estrutura cronológica, mas que funcionaria apenas como uma guia – com temas norteadores para a conversa. O CIBAI permitiu a divulgação, em suas redes sociais, de um *card* com a descrição do projeto, e se criou um formulário, ali disposto, para os interessados preencherem com seus dados de contato. Finalmente apareceram doze interessados em participar, sete homens e cinco mulheres, de várias nacionalidades – senegaleses, haitianos, colombianos, venezuelanos –, manifestando intenção de agendar um encontro para nosso diálogo. Isso aconteceu entre os meses de novembro e dezembro.

O tempo avançava e não estávamos conseguindo agendar os horários de encontro com as pessoas que tinham preenchido o formulário – ora por compromissos laborais ou familiares, ora por repentino desinteresse em contribuir. Assim, foi necessário adotar um caminho alternativo, decidindo-se, pois, que o foco do projeto já não estaria exclusivamente na população migrante de Porto Alegre. Desta forma, se abriu a possibilidade de incluir testemunhos de migrantes de outras partes do Brasil e do mundo para completar uma mostra interessante de experiências migratórias. Paralelamente se continuou com a pesquisa, coleta, leitura e análise de subsídios teóricos para a elaboração deste relato de experiência.

Por fim, durante as três primeiras semanas de dezembro foram realizadas as entrevistas, pelo Google Meet. De Bogotá fizemos contato com o Mike, em Chicago, Illinois, nos Estados Unidos, que conhecemos por intermédio de migrantes colombianos

nessa cidade estadunidense que conheciam sua impressionante história; com o Martín, vizinho de uma amiga em Palomino, Guajira, Colômbia, onde mora uma importante população de migrantes estrangeiros; com a Christy, no Rio de Janeiro, minha colega de trabalho, pois somos professores de Espanhol online – seu país, El Salvador, a meu entender, tem uma história e uma situação atual muito pertinentes aos propósitos do livro.

As três entrevistas finais foram feitas com as pessoas que atenderam ao chamado realizado pelas redes do CIBAI e que abriram um espaço, em meio a seus compromissos, para conversar sobre suas vivências como migrantes. Essas pessoas foram: Maria Ysabel, venezuelana, residente em Canoas/RS; Merbin, também venezuelano, residente em Eldorado do Sul/RS; e Luis Carlos, colombiano que estava morando em Porto Alegre, mas que, no momento da entrevista, tinha se mudado para Salvador/BA.

Como já dito anteriormente, a escolha da data e do horário do encontro virtual foi feita pelos entrevistados, sendo que essas reuniões se estenderam por cerca de uma hora, no idioma nativo deles – no caso Mike, em inglês, e dos demais, em espanhol. Esses diálogos foram gravados e posteriormente transcritos e traduzidos para o português. Esse processo foi realizado entre finais de janeiro e março de 2023 a meu retorno para o Brasil.

Nosso caminho metodológico para emprendermos o projeto se encerrou com a diagramação do livro e a escrita deste relato. A intenção do projeto é incluir, na versão final do *e-book*, elementos paratextuais – fotografias, link de informações e músicas, entre outros –, que ampliem alguns dos contextos apresentados nas narrativas de vida, para estimular a interação dos leitores com o livro.

3 RESULTADOS E CONCLUSÕES

Em primeiro lugar, conseguimos articular uma leitura congruente com os objetivos traçados no início. O *e-book* pode, com efeito, ser amplamente divulgado entre uma porção significativa dos migrantes, como também entre jovens em idade escolar. Seu conteúdo revela várias nuances de uma problemática que atravessa o nosso mundo e que gera contradições e desequilíbrios nas sociedades contemporâneas.

O livro pode ser acessado pelo link:

https://drive.google.com/file/d/1cOhGR8II2YMMEtQPcCBUomQdob2LUbMB/view?usp=share_link

A aproximação às vozes de algumas das pessoas que enfrentam, no dia a dia, as consequências deste fenômeno, sua resiliência no meio das dificuldades e sua mensagem de esperança são um sinal poderoso sobre o rumo que está tomando um mundo como o nosso – desumanizado, polarizado e manipulado por mídias que, com frequência, nos impedem de ver nossas realidades imediatas.

O livro convida a descobrir vários questionamentos sobre a maneira com que se organizam nossas estruturas políticas e sociais e seus efeitos na vida comunitária, na escola, no bairro, no trabalho, assim como a urgente necessidade de reconhecer a diversidade e a pluralidade nesses âmbitos. Também provoca a reflexão sobre discursos e práticas que se relacionam com o racismo, a xenofobia, a exclusão e o cerceamento da democracia. Igualmente sugere uma leitura acerca da semelhança dos grandes problemas históricos nos diferentes países da América Latina e suas repercussões.

É também muito importante visibilizar o trabalho das instituições públicas e privadas de assistência social no Brasil, como também de seus profissionais, pois sem eles as condições de vida das pessoas – que por diversas circunstâncias estão na condição de migrantes ou refugiados – seria muito mais grave.

Confesso que gostaria muito de poder ter apresentado uma amostra mais ampla da diversidade da população migrante no Rio Grande do Sul, com a inclusão de testemunhos de pessoas pertencentes a comunidades como de haitianos, senegaleses, uruguaios, de forma que o leque de experiências reunidas no livro fosse ainda maior.

Ficamos com o propósito de, em uma próxima oportunidade, nos aproximarmos dessas comunidades.

Esses resultados não seriam possíveis sem o reconhecimento do diálogo e da experiência do outro como uma fonte valiosa de conhecimento e de reflexão sobre nós mesmos. Tampouco teríamos sido bem-sucedidos sem o cuidado no exercício da entrevista e do entendimento da narrativa de vida como gênero discursivo, para o qual foram fundamentais as disciplinas de Narrativas Midiáticas do Cotidiano e de Formações Discursivas sobre Território e Identidade, para o curso de Especialização em Mídia e Educação, a cargo da professora Adriana Ruschel Duval, minha orientadora neste percurso do TCC.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

___; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cultrix, 1998.

COGO, D; GUTIÉRREZ, M; HUERTAS, A. (Coords.) **Migraciones transnacionales y medios de comunicación**: Relatos desde Barcelona y Porto Alegre. Madrid: Catarata, 2008.

OLIVEIRA, A. C. de. **Uma questão de identidade! Migrações e pertencimento na dinâmica do mundo globalizado**. Revista USP, São Paulo. n. 114, pp. 91-108 - julho/agosto/setembro 2017.

CERQUEIRA NETO, J.C; SANTOS P, A, **A entrevista como um gênero do discurso**: conceitos e fundamentos. Revista Travessias, v. 11, n. 1, jan/abr 2017.

DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Tradução de Alberto Pozzer. Revisão científica: Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DA SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **O perfil dos imigrantes no RS segundo o Sismigra, a RAIS e o Cadastro Único**. Nota Técnica n. 40, Jun 24, 2021.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 1998.

MATA, M.C. **Comunicación y ciudadanía**. Problemas teórico políticos de su articulación. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, v. 8, n.1, 2021.

MEDINA, C. de A. **Entrevista**: o diálogo possível. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MORIN, E. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. p. 115-135.

PINEAU, G.; LE GRAND, J.L. Qual história? In: ___. **As histórias de vida**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012, p. 105-128.

RIBEIRO, E. F.; VASCONCELOS, S. M. F. **A entrevista de narrativa de vida: uma abordagem que revela um gênero.** Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 209-224.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa** – Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

SCLIAR, M. **O ciclo das águas.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

SWISSINFO, C.H. “El paso de inmigrantes irregulares por el Darién creció un 85.6% en el 2022”. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/spa/crisis-migratoria_el-paso-de-migrantes-irregulares-por-el-dari%C3%A9n-creci%C3%B3-un-85-6---en-el-2022/48194552#:~:text=Ciudad%20de%20Panam%C3%A1%2C%2010%20ene,seg%C3%BAn%20datos%20del%20Gobierno%20paname%C3%B1o. Acesso em 03 mar. 2023.